

«NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)**LIÇÃO - 4**

«A quem iremos, Senhor, se nos formos embora?»» (Cf. Jo 6,68)

por Pierluigi Banna*

Na conclusão desta manhã, retorno ao que, juntamente com os outros adultos, eu tinha de mais importante para dizer-lhes. Podemos não ter entendido nada, mas damo-nos conta de que até a nossa incompreensão, como mostramos esta manhã, pode ser útil. Podemos esquecer-nos de tudo o que dizemos e errar de novo mil vezes, mas até o erro pode ser útil, porque aprende-se mais errando do que acertando por engano. Podemos esquecer-nos, distrair-nos, ficar aborrecidos, tomados por diferentes emoções contrastantes, dispersar tudo assim que voltamos para o hotel, mas tudo isto pode ser novamente a ocasião para retomar e redescobrir o que temos de mais importante na vida: redescobrir a única Presença que está à altura da nossa humanidade, tão única no mundo.

Para fazer-nos entender isto, quando fomos encontrá-lo ontem à noite, Carrón nos deu um exemplo formidável: Se você estiver andando pela rua e de repente alguém te olha no rosto e te dá um soco, o que você faz? Você responde com outro! Mas se, chegando em casa, abrir a porta e a sua mãe, que te está esperando, te dá um soco, o que você faz? Pergunta a ela: “Por quê?”. Veem? Quando uma pessoa encontra uma presença na qual confia, não reage no calor das suas emoções, mas todas as suas emoções, todo o seu espanto, a sua raiva, a sua dor, tornam-se a ocasião de um diálogo, levam-na a perguntar: “Por quê?”. “Por que estou distraído agora?” “Por que agora você me faz isto?” “Por que esta dor?” Você pode dirigir-se a alguém; a vida é este diálogo estupendo. Como o diálogo de Cristo com o Pai, aquela noite: «Não seja feito como eu quero, mas como tu queres» (Mt 26,39). Assim todos os nossos sentimentos, as nossas incompreensões, as nossas distrações, não são um obstáculo, mas podem servir para nos afeiçoarmos mais a Cristo, não para fugirmos d’Ele, mas para redescobriremos que Ele não nos abandona jamais, como no primeiro dia. E a vida torna-se este diálogo.

«O espírito está pronto, mas a carne é fraca» (Mt 26,41). Assim – nós garantimos – com o tempo talvez não fiquemos melhores, mas ficamos mais afeiçoados, cada vez mais conquistados por esta Presença que acontece na nossa vida; cresce a afeição e o desejo de seguir fielmente, não movidos pelo calor do sentimento efêmero, mas como fruto de dar atenção a cada sentimento e julgá-lo, como fruto do reconhecimento cheio de afeição, de emoção verdadeira, por aquilo »

* Lição no Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca, Rimini, 14 de abril de 2017.

» que nos aconteceu. Como diz Dom Giussani na página 34** : «A afeição não é uma onda», como os sentimentos, mas é «ceder continuamente à atração da verdade, ser prisioneiro da verdade, da beleza, da justiça. Prisioneiros?!». Não. «Seguidores!» (*Affezione e dimora*).

O testemunho de um amigo nosso, que descreve um situação pela qual acho que muitos de nós já passou, faz-nos entender bem o que quer dizer seguir, fazer uma comparação de tudo com uma presença. «Uma noite, enquanto toda a classe estava no ônibus [durante um passeio], alguns amigos de GS, juntamente com alguns outros colegas meus, começaram a cantar juntos, de uma maneira meio fraquinha, mas apaixonada. Eu estava junto com o grupo dos meus amigos “convencidos”, que imediatamente começaram a insultar os que estavam cantando, porém sem fazer os meus amigos de GS desistirem de cantar juntos. No meio de tudo isto, apareceu imediata e quase violentamente esta pergunta: eu é que sou mais feliz, obrigado a ficar sem ação para não me sentir julgado negativamente pelos meus amigos, ou então eles, que estão juntos de uma forma tão livre de preconceitos que, tendo o desejo de cantar à noite num ônibus na frente de todos, não hesitam nem um segundo?» Veem? Tudo pode ser olhado. No começo envergonhou-se e desprezou-os. Mas o coração é infalível, e então, olhando para aquela vergonha e aquele desprezo, na frente daquela presença tão irredutível, perguntou-se: «Mas quem é mais livre, quem é mais feliz?». Graças à sua vergonha, graças ao seu não sentir-se “convencido”, pôde redescobrir, pôde reaproximar-se de quem lhe quer mais bem. Assim continua: «A resposta era evidente, entre os dois eu era o triste, o que não era livre para ser eu mesmo. E logo ficou evidente que eu nunca tinha visto antes uma amizade que me aceitasse tal qual eu era». Olhar para o sentimento não é o fruto de uma autoanálise, mas é render-se a esta evidência, pôr em primeiro plano esta evidência em relação aos nossos preconceitos, deslocar o próprio centro afetivo daquilo que nos domina (pensamentos, preconceitos nossos e dos outros) para uma presença que acontece teimosamente e nos retoma para podermos ser-lhe fiéis.

O caminho de hoje à tarde na Via Sacra, como o caminho todo da vida, é fazer esta comparação, como fez o nosso amigo: o que me deixa mais livre? O que me deixa mais feliz? O que me faz mais eu mesmo? Mesmo partindo dos próprios preconceitos ou do dos outros, no final a pessoa deve tirar o próprio coração daquilo que pensava, daquilo que os outros pensam dela, e colocá-lo no que realmente dura, ainda que isto custe sacrifício, ainda que isto signifique perder a credibilidade. Haverá na vida, como hoje à tarde durante a Via Sacra, momentos em que nem tudo estará claro, momentos em que o nosso limite e as nossas imagens parecerão tomar a dianteira (o tédio, a distração, o entusiasmo, etc.), como a lente fora de foco do telescópio. E é justamente aí que podemos dizer, cheios desta afeição, como um dia fez São Pedro: «Nós também não entendemos, mas, se formos embora, para onde iremos?» (cf. Jo 6,68). Toda esta confusão é útil para eu entender que somente Tu me fazes realmente humano. Por isso eu O sigo, não cegamente, mas fielmente, razoavelmente, com toda a minha afeição, com todo o meu coração. Como diz o belo romance de De Wohl – que recomendo –, *A lança de Longuinho*, que conta a vida de Jesus do ponto de vista de um centurião romano. Num certo momento, descreve-se a figura da pecadora que finalmente se sente perdoada e libertada por Jesus; a sua família recusa-a e ela vai procurar os amigos d’Ele – não encontrando Jesus –; e Maria Madalena pergunta-lhe: «Que queres com Ele?», e ela responde: «Não sei mais para onde ir». Eu repito a mesma coisa: não sei bem o que quero da minha vida; ontem a nossa amiga queria a tatuagem, o piercing; eu não quero essas coisas, mas tampouco eu sei o que quero da minha vida, que vida eu espero, mas desejo uma só coisa: quero ir até Ele, porque não sei mais para onde ir. Eu também quero ser “seguidor” desse Homem que me fez ser eu mesmo como nunca antes, ainda que isto dê trabalho, ainda que eu vá errar muitas vezes. Ainda que eu possa ir embora algumas vezes, sei que quero ir até Ele, não sei aonde mais posso ir. »

** O livreto «*Nunca vimos coisa igual!*» contém os trechos citados no decurso do Tríduo Pascal e pode ser [baixado em formato PDF](#).

» Temos um lugar para o qual voltar, temos uma presença para seguir, não porque já não erramos, não porque já não nos esquecemos, mas porque onde mais, senão com Ele, a minha humanidade é, sem vergonha, finalmente abraçada por aquilo que é? Como conta a última contribuição de um de vocês, que no fim do último ano do liceu escreve: «Muitas vezes ainda tenho muita dificuldade [se você soubesse, amigo, quanta dificuldade eu ainda tenho!], fico ferido ou cético, mas a cada vez não consigo, em dado momento, não voltar ao que vi no encontro com muitas pessoas e pensar com simplicidade: “Posso fugir o quanto quiser, mas nunca vi coisa igual”».

Pessoal, cada um de nós é chamado a este juízo do coração, a buscar um lugar do qual possa dizer, não apenas no calor das emoções, mas com uma verdadeira comoção que dura no tempo: «Não tenho outro lugar para onde ir, porque nunca vi coisa igual!». Assim, cheios de afeição, sejamos seguidores deste Homem que se comoveu até mesmo pelo nosso ódio. Cristo não se detém diante do medo e da distração, não tem medo de olhar frente a frente para a tristeza e de carregar nas suas costas a cruz por nós. Ele continua a morrer como o grão de trigo, porque estamos paralisados pela escravidão dos nossos sentimentos e das nossas emoções que nos deixam com a terra queimada nas mãos.

Cheios de afeição, acompanhamos os passos de Deus, que não deixa de passar na nossa vida, enchendo-nos de maravilha. Este é o sentido da Via Sacra de hoje à tarde.